

ACONTECIMENTO DE CORPO: O ADVENTO DO SUJEITO NA LINGUAGEM

BODY EVENT: THE ADVENT OF THE SUBJECT IN LANGUAGE

Gesianni Amaral Gonçalves 1
Alexandre Simões Ribeiro 2

Resumo: Este trabalho objetiva, por meio de uma revisão de literatura, a apreensão de diferentes acepções do termo acontecimento, com vistas a delimitar o uso que Lacan fez dele ao mencionar o acontecimento de corpo. Trabalhamos com a hipótese de que o acontecimento de corpo é proveniente da inscrição traumática de lalangue no corpo, referindo-se à experiência de coisas que são escutadas e que a princípio não se ligam a nenhum sentido. Assim, as contingências dos encontros traumáticos de Freud são acrescidas à contingência do dizer primeiro também traumático, produzindo um acontecimento de corpo. Deste modo, o sintoma psíquico, capaz de afetar o somático e que muito cedo despertou o interesse em Freud levando-o à constituição da psicanálise, parece percorrer um longo caminho até chegar ao final do ensino de Lacan na forma de acontecimento de corpo.

Palavras-chave: Corpo. Acontecimento de Corpo. Lalangue. Sintoma.

Abstract: This work aims, through a literature review, to understand different meanings of the term event, with a view to delimiting the use that Lacan made of it when mentioning the body event. We work with the hypothesis that the body event comes from the traumatic inscription of lalangue on the body, referring to the experience of things that are heard and that at first are not linked to any meaning. Thus, the contingencies of Freud's traumatic encounters are added to the contingency of the first also traumatic saying, producing a bodily event. In this way, the psychic symptom, capable of affecting the somatic and which very early aroused interest in Freud, leading him to the constitution of psychoanalysis, seems to go a long way until reaching the end of Lacan's teaching in the form of a bodily event.

Keywords: Body. Body Event. Lalangue. Symptom

- 1 Pós-doutora na área de concentração Processos de Subjetivação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC Minas na linha de pesquisa Intervenções Clínicas e Sociais. Doutora na área de concentração de Estudos Psicanalíticos, na linha de pesquisa Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais na área de concentração Processos de Subjetivação. Especialista em Arte - Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Possui graduação em psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Professora Titular da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade Divinópolis) nas cadeiras de Psicopatologia e Psicologia Hospitalar. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5464259294427621>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5905-3973>. E-mail: gesianni@terra.com.br
- 2 Psicanalista, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), com Mestrado (finalizado em 1997) e Doutorado (concluído em 2002), ambos na linha de pesquisa dedicada à Teoria Psicanalítica (UFMG). Atua como professor universitário desde 1993. Atualmente, é docente efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), nas cadeiras voltadas à Psicanálise. Coordena a pós-graduação em Clínica Psicanalítica Lacaniana, pelo ESPE (Londrina). Por esta mesma Instituição é também coordenador-local da pós-graduação em Fundamentos da psicanálise: teoria e clínica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2909288020998125>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1056-2053>. E-mail: alexandresimoes@terra.com.br

Introdução

O verdadeiro acontecimento é o da própria subjetividade, ilusória como possa ser (Zizek, 2017).

Na língua francesa, um acontecimento é considerado um fato importante que ocorreu a alguém, portanto, um fato histórico significativo (Arpin, 2016). Na língua portuguesa o termo designa: o que acontece; tem existência real; evento, fato; aquilo cuja ocorrência é imprevista, não planejada; eventualidade (Houaiss, 2001). No âmbito da Filosofia, o termo acontecimento designa uma ocorrência ou mudança no estado do mundo, isto é, algo que sucede em um ponto do espaço, durante certo período de tempo e que possui um caráter pouco comum ou mesmo excepcional, assim sendo, assume distintas acepções de acordo com a perspectiva filosófica pela qual é abordado. O conceito aparece na obra de Gilles Deleuze, como ponto central da *Lógica do sentido* (2007), que é decorrente da filosofia estoica dos incorporais. O filósofo francês mostra que mesmo havendo em Aristóteles alusões ao acontecimento, o termo na filosofia aristotélica não é um conceito, mas uma noção derivada dos conceitos de sua filosofia. Sendo uma noção ou mesmo um conceito, resta a questão: o que é o acontecimento?

Num sentido mais geral, qualquer ocorrência pode ser considerada como um acontecimento. Todavia, num sentido mais estrito, acontecimentos são apenas as ocorrências dignas de registro, aquelas que merecem ficar na história. Uma distinção comumente feita para delimitar a noção de acontecimento é entre o ato e o acontecimento. O ato é algo feito por alguém, implica uma causalidade ou iniciativa, ou seja, o sujeito é agente ou autor da ação. O acontecimento é algo que acontece ao sujeito, portanto, ele é apenas receptor dos efeitos, indicando um ser que sofre uma ação, mas não é autor da mesma.

O intuito principal deste trabalho é a apreensão de diferentes acepções do termo acontecimento, com vistas a delimitar o uso que Lacan fez dele ao mencionar o acontecimento de corpo. No texto *Joyce, o sintoma* (1979), ele apresenta a tese do sintoma como acontecimento de corpo, inspirado na arte do escritor James Joyce. Trata-se de compreender naquilo que acontece no corpo a dimensão do sintoma em sua perenidade, ampliando a compreensão do évènement como algo que afeta a subjetividade pelo seu caráter linguageiro inserindo uma diferença no sujeito. A investigação do acontecimento de corpo em seu laço com *lalangue*, a partir do referencial clínico da Psicanálise, por meio de uma revisão de literatura, possibilita ampliar a compreensão do sintoma na constituição subjetiva bem como, compreender os inéditos usos e transformações do corpo como superfície de inscrição do sintoma.

Contornos do corpo no dispositivo analítico

No âmbito da psicanálise, a temática do corpo e do sintoma está presente desde o início quando, ao escutar as histéricas que se esforçavam em falar com o corpo, Freud lançou as bases da psicanálise. A questão do corpo e do sintoma constitui o ponto de partida da psicanálise e o ponto de retorno constante à teoria freudiana e lacaniana.

Mas, de que corpo estamos falando? Certamente que não se trata do corpo da anatomofisiologia, mas da passagem do corpo somático da biologia para o corpo erógeno da psicanálise em que o que está em jogo é uma representação psíquica e fantasmática de corpo.

Mesmo Freud tendo mencionado poucas vezes o corpo, a sua teoria é o solo fértil sobre o qual podemos arvorar algum conhecimento sobre ele na psicanálise. Destacamos o conceito de pulsão e de narcisismo como sementes frutíferas dessa sementeira freudiana, além de suas definições de conversão histérica e complacência somática.

Com Lacan é diferente porque ele faz menção ao corpo em todo o desenvolvimento de seu ensino, chegando a dedicar um Seminário (1972-1973) à problemática que o concerne: *encore/en corps*. É através da noção de gozo que ele examina o corpo, a partir dos anos 1970, porém, desde o início de seu ensino o corpo está presente, surgindo em momentos distintos e sendo investigado por ângulos diversos, de acordo com a temática que o ocupava no momento.

É do encontro contingencial entre o corpo e a linguagem, que é viável compreender clinicamente o acontecimento de corpo. Todavia, como a linguagem, incorpórea por natureza, é capaz de se incorporar ao corpo? A definição dada por Lacan às pulsões é capaz de dar a resposta. Ao vincular às pulsões a linguagem, Lacan abre as vias para o sintoma como acontecimento de corpo sinalizando para a propriedade do corpo de ser afetado pelo dito do Outro e, daí, produzir sintoma. Na verdade, muito antes desta citação, Lacan já indicara a capacidade da linguagem de afetar o corpo. Quando se ocupou com o estádio do espelho no qual o corpo surge como imagem a ser construída destacando o Outro na constituição dessa imagem e a presença do objeto *a* no corpo pulsional, o psicanalista já indicava a função da linguagem como evocação do sujeito no seu advento. Deste modo, compreendemos que Lacan sempre defendeu uma concepção do corpo destacando suas relações com o simbólico, indicando que o sujeito surge do significante antes mesmo de sua existência material.

Assim, vemos que o *corpus* psicanalítico não é constituído por conceitos isolados e estabelecidos de modo definitivo, haja vista o conceito de pulsão, que desde o início, em Freud, tangencia ao corpo, mas que em Lacan é reformulado articulando-se ao gozo e à linguagem. A pulsão, ao ecoar o dizer do Outro, vivifica o corpo, seja pela pulsão invocante ressoando no corpo, ou pela pulsão escópica que exhibe a imagem do corpo tecido pela linguagem (Gonçalves, 2022).

Para a psicanálise lacaniana é a linguagem que constitui o corpo, derivado do significante fornecido pelo Outro e incorporado pelo sujeito que o nomeia. Por essa maneira de conceber o corpo não como um dado, mas como uma construção no *parlêtre*, a concepção lacaniana de corpo não condiz com uma submissão do sujeito ao organismo. Ao contrário, Lacan é um crítico dessa concepção haja vista para as considerações apresentadas, por exemplo, em *A conferência de Genebra* (1975) e *O lugar da Psicanálise na medicina* (1966), nas quais o analista atesta a abertura provocada pela psicanálise, qual seja, a do deslocamento de uma causalidade orgânica para uma causalidade psíquica.

O sintoma psíquico, capaz de afetar o somático e que muito cedo despertou o interesse em Freud levando-o à constituição da psicanálise, parece percorrer um longo caminho até chegar ao final do ensino de Lacan na forma de acontecimento de corpo. Ante ao instante de ver freudiano, depurado pelo tempo para compreender, o sintoma, deixado no que ele é - *um acontecimento de corpo*- traz o momento de concluir do ensino lacaniano.

Acontecimentos traumáticos: fragmentos de tempo vivido

Cauquelin (2008) expõe uma noção interessante sobre os incorporais. Ela alude que frequentamos os incorporais sem saber. Ouçamos sua asserção:

Quando tento me lembrar de um momento de existência, de um fragmento de tempo vivido, misturam-se nessas reminiscências lugares, pessoas, tempo que passou e tempo que é, falas trocadas: um tecido frágil, que tende a se desfazer se for auscultado de muito perto e cuja consistência decorre exatamente da fluidez (Cauquelin, 2008, p. 10).

Fragmentos de tempo vivido remetem às recordações em que estão misturadas sensações diversas oriundas de aspectos distintos, nas quais estão envolvidos dois elementos: forma e fundo. A forma refere-se a um rosto, um gesto, uma conversa, o pedaço do jardim onde se deu o acontecimento. São figuras que se destacam contra um fundo. Este por sua vez é o que dá suporte e permite a rememoração emergir. Sobre o fundo a autora sugere que: “ele se parece com o invólucro de sentido que dá suporte às palavras, sobretudo como átomos distintos. Ele é sua gramática, aquilo que as liga” (Cauquelin, 2008, p. 11). O pensamento estoico decompõe isto que seria entendido como o átomo e mostra que esta unidade é constituída por partes menores arranjadas num encadeamento mais complexo e captadas a partir da noção de acontecimento.

Na conexão entre o fundo como invólucro de sentido, o invisível e o imaterial, Cauquelin (2008), define os incorporais como: “um invólucro que envolve as palavras, mas que não é a soma das palavras, um fundo que envolve os elementos da lembrança, sem se confundir com eles: trata-se ali, é claro, dos incorporais” (p. 11). Tendo em vista que o pensamento estoico sobre os

incorporais interroga noções sobre o imaterial, a realidade do tempo e o exprimível podemos aludir ao acontecimento como instância capaz de ligar duas regiões que, em geral, são tratadas separadamente como o corpo e a linguagem.

Zizek (2017) alude ao acontecimento como:

Uma noção anfíbia com mais de cinquenta tons de cinza. Um acontecimento pode significar um desastre natural devastador ou o último escândalo protagonizado por uma celebridade, o triunfo do povo ou uma brutal transformação política, uma experiência intensa proporcionada por uma obra de arte ou por uma decisão de foro íntimo (Zizek, 2017, p.07).

Vemos que a amplitude dessa menção ao acontecimento não é nada útil ao propósito de delimitação de um conceito. Por outro lado, essa visão geral, ao modo de um voo panorâmico, proporciona estabelecer conexões e localizar fronteiras. Daí, podemos empreender que um acontecimento porta uma transformação, como se marcasse um antes e um depois. Eis um acontecimento em estado puro: algo fora do normal, que acontece subitamente interrompendo o fluxo natural das coisas.

Em uma primeira abordagem, Zizek (2017) mostra que um acontecimento é “o efeito que parece exceder suas causas – e o espaço de um acontecimento é aquele que é aberto pela brecha que separa o efeito das causas” (p.9). Pensar o acontecimento como um efeito que excede suas causas traz de volta a multiplicidade e o questionamento: “seria um acontecimento uma mudança na maneira como a realidade se apresenta a nós ou uma violenta transformação da realidade em si?” (Zizek, 2017, p. 11).

O autor propõe certas classificações capazes de facilitar a definição do acontecimento tais como separar o acontecimento em espécies e sub-espécies, distinguir em acontecimentos materiais e imateriais. Contudo, ele recua desse propósito por concluir que essa forma de abordar o acontecimento ignora sua característica básica: “o surgimento surpreendente de algo novo que solapa qualquer esquema estável. A única solução adequada é abordar o acontecimento de maneira acontecimental” (Zizek, 2017, p. 11). Essa perspectiva de abordagem permite expor os inescapáveis impasses das definições, abordando suas dificuldades e seus paradoxos. Entretanto, o autor estabelece uma classificação do acontecimento tendo como base a tríade lacaniana do imaginário, simbólico e real. Que tipo de acontecimento se encaixa em cada uma dessas dimensões?

O acontecimento real é algo que não pode ser nem diretamente vivenciado nem simbolizado, como um encontro traumático que desestabiliza inteiramente o universo de significado. *O acontecimento simbólico* é a emergência de um novo significante mestre. Apresenta uma clara articulação linguística, é um efeito da linguagem sobre o objeto. “Um ato discursivo torna-se um acontecimento simbólico quando sua ocorrência reestrutura o campo inteiro: embora não haja um novo conteúdo, tudo é de alguma forma profundamente diferente” (Zizek, 2017, p. 130). O autor adverte quanto ao risco de se confundir o poder transformador de um significante mestre com o chamado performativo (ato de fala). Ele elucida que a intervenção de um significante mestre tem a forma de só se declarar posteriormente ao fato que algo já existe, omitindo que, retroativamente essa declaração muda tudo. Assim, a transformação subjetiva ocorre no momento da declaração (*a posteriori*) e não no momento do ato.

O acontecimento imaginário é a definição de acontecimento que mais se aproxima da teoria estoica dos incorporais, semelhante ao que Deleuze (2007) chamou de acontecimento-emoção abstrato. Zizek (2017) comenta que esse acontecimento é imaginário no sentido estritamente lacaniano porque: “ele flutua à distância de seu suporte material, o qual o representa e o produz, na frágil esfera de superfície entre o ser e o não ser [...] sentidos são superfícies que não existem, apenas subsistem: não são coisa ou fatos, mas acontecimentos” (Zizek, 2017, p. 144). Proveniente da noção de incorporais, esse extra-ser impassível está na superfície das coisas, trata-se do ideacional que não pode ser mais outra coisa senão um efeito.

Na busca por delimitar a natureza acontecimental, Zizek (2017) propõe a seguinte definição para o acontecimento:

Um trauma que desestabiliza a ordem simbólica em que existimos, o surgimento de um novo “significante-mestre”, um significante que estrutura todo um campo de significado [...] (Zizek, 2017, p. 12).

Muitas questões podem ser desdobradas desta inquietante citação, como por exemplo, a dúvida quanto ao aspecto traumático do acontecimento. Para Soler (2012), a conotação de contingência do acontecimento não o inclui forçosamente no campo do traumático, entretanto, não é exatamente esse aspecto que possibilita o efeito da linguagem se impor ao corpo? A afirmação de Zizek é pertinente porque se não há uma alteração da ordem simbólica o acontecimento deixa de ter sentido ao não se vincular a uma experiência marcante para quem a vivencia.

Freud substitui a *neurótica* pela teoria da fantasia traumática de sedução quando a ideia de realidade psíquica e o papel desempenhado pelas fantasias inconscientes passam a ser mais valorizados em sua escrita. Na base do traumático a sexualidade continua presente, não mais assentada na ideia de que uma sedução de fato ocorrera, mas embasada na noção de realidade psíquica, ou seja, do efeito da fantasia na constituição do sintoma. A teoria do trauma concebida em dois tempos permanece, mas com uma diferenciação no material em que os tempos incidem. Esse material refere-se à experiência de coisas que são escutadas e que a princípio não se ligam a sentido nenhum, este só chega mais tarde (*après coup*) produzindo as fantasias. Assim, compreendemos que o fator traumático nunca fora abandonado por Freud, passando a ter uma noção mais abrangente e incluindo outros aspectos.

A prova disso é que em um dos seus últimos textos, *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939/1980) retoma o assunto, demonstrando que nunca abriu mão do caráter traumático na etiologia das neuroses. Retomemos sua pena: “Denominamos traumas aquelas impressões, cedo experimentadas e mais tarde esquecidas, a que concedemos tão grande importância na etiologia das neuroses” (Freud, 1939/1980, p.91). O autor enfatiza que a gênese da neurose invariavelmente remonta a impressões primitivas da infância e reitera: “Nossas pesquisas demonstraram que aquilo que chamamos de fenômenos (sintomas) de uma neurose são o resultado de certas experiências e impressões que, por essa mesma razão, encaramos como traumas etiológicos” (Freud, 1939/1980, p.92). Ele mantém o fator traumático como desencadeante da neurose e, demonstrando vívido interesse pelo tema, propõe traçar um esquema capaz de descobrir as características comuns à experiência traumática e os sintomas. Vejamos seu esquema:

Todos esses traumas ocorrem na primeira infância, até aproximadamente o quinto ano de idade. (a) Impressões da época em que uma criança está começando a falar ressaltam como sendo de particular interesse; os períodos entre as idades de dois e quatro anos parecem ser os mais importantes; não se pode determinar com certeza quanto tempo após o nascimento esse período de receptividade começa. (b) as experiências em apreço são, via de regra, totalmente esquecidas, não são acessíveis à memória e incidem dentro do período de amnésia infantil, geralmente interrompida por alguns resíduos mnêmicos isolados conhecidos como ‘recordações encobridoras’. (c) elas relacionam-se a impressões de natureza sexual e agressiva e, indubitavelmente, também a danos precoces do ego (mortificações narcísicas) (Freud, 1939/1980, p.93).

Destacamos dessa passagem a época de ocorrência do trauma mencionado por Freud. Aproximamos destas experiências que, a princípio não se ligam ao sentido, as elaborações de Lacan, que no final de seu ensino retomará a questão do trauma salientando o impacto de *lalangue*. Este momento anterior à aquisição da linguagem, em seu caráter de comunicabilidade, é o mesmo mencionado por Lacan (1972-73/1985) para falar do efeito da linguagem no sujeito, extraído o seu efeito de sentido. Isto nos leva a inferir que o trauma diz respeito à incidência dessa linguagem no corpo. Soler (2012) esclarece que ao colocar o acento em *lalangue*, Lacan não recusa a incidência do Outro, sob a forma dos pais, mas desloca o ponto de impacto do peso do discurso do Outro

(articulado em linguagem) ao peso de *lalangue* do Outro, a língua ouvida do Outro.

Deste modo, as contingências dos encontros traumáticos de Freud são acrescidas à contingência do dizer primeiro também traumático, produzindo um acontecimento de corpo. O núcleo traumático se fixará à medida que se repete com seu excesso e com sua carga de culpabilidade fantasmática não reabsorvíveis pelas coordenadas do princípio do prazer e da realidade. Sabendo que o inassimilável é traumático e sempre se repete, o encontro com o impossível de dizer indica uma das possíveis acepções do real no ensino de Lacan, nomeado por meio do neologismo *troumatisme*. Esse neologismo surge no *Seminário livro 21 Os não-tolos-erram* (1973-1974), no qual o psicanalista articula as palavras para associar o traumatismo e o furo. Com esse termo Lacan renoverá a noção de trauma, enfatizando menos a noção de recalque e mais a dimensão do furo, de um encontro com o real sem correspondência no simbólico.

O trauma no sentido psicanalítico do conceito e de seu uso clínico tem a ver com o momento de separação entre o objeto que fala e é falado e o objeto que tem que ser organizado nas palavras. O momento de inclusão do Outro na linguagem é o momento que se produz o trauma: momento fundamental. Esse tempo, só poderá ser tratado miticamente pelo futuro sujeito. Posteriormente, Lacan (1975/2015) faz menção novamente às experiências infantis com *lalangue*:

Tenho visto muitas crianças pequenas, a começar pelas minhas. O fato de que uma criança diga *talvez, ainda não*, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincar, com os quais necessariamente ele terá que desembaraçar-se. É isso o que lhe deixa toda essa atividade não reflexiva – os restos aos quais mais tarde – porque ele é um prematuro – se agregarão os problemas do que vai lhe assustar. Graças a isto ele irá fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem. (Lacan, 1975/2015, p. 9-10)

A coalescência entre a realidade sexual e a linguagem é dada por *lalangue* que não é somente da ordem da linguagem, ela é também fonte dos afetos enigmáticos conforme menciona Lacan (1979/2003). Há um gozo contido em *lalangue*, com seus efeitos de aluvião que deixam marcas fazendo, de cada um, um ser arrebatado e traumatizado pelo enxame da sonoridade e dos enigmas da língua na qual ele se inscreve. Qualquer elemento de *lalangue* é, no que diz respeito ao corpo, um toque de prazer, e é aqui que ela estende suas raízes até o acontecimento de corpo.

Essa já era a tese de Freud a respeito do sentido do sintoma que só pode ser corretamente interpretado em função dos primeiros encontros com a sexualidade. O fato de o gozo do sintoma poder ser removido pela palavra permite supor uma coerência entre o método que opera sobre o sintoma e o momento de sua constituição. Tal conexão é desenvolvida por Lacan (1975/2015) ao afirmar a coalescência da realidade sexual e da linguagem, desenvolvendo o argumento principal para estabelecer os efeitos de *lalangue*, esta que evoca a língua emitida antes da linguagem em seu caráter de comunicabilidade. O importante a ser destacado é a articulação entre a época precoce da infância quando se cristalizam os sintomas e a interpretação que ocorre através das associações singulares de cada sujeito.

A respeito desse momento inaugural do sintoma no corpo da criança, é possível desenvolver um paralelo entre a perspectiva de Freud e Lacan. Para Freud a realidade sexual é autoerótica e quanto a isso Lacan se opõe. Retomemos a pena do autor: “Só há necessidade de saber que em certos seres, assim chamados, o encontro com sua própria ereção não é absolutamente autoerótico. É o que há de mais hetero” (Lacan, 1975/2015, p. 6-7). Para Lacan a realidade sexual trata do encontro estranho e diferente com a primeira experiência de um gozo anômalo em relação ao corpo. O sintoma vem dos primeiros encontros, essa já era a tese de Freud em *Inibição, sintoma e angústia*, quando ele afirma que o sintoma vem para o sujeito da angústia produzida pelo encontro traumático e surpreendente com uma emergência de gozo inesperada que pode ser vista, ou ouvida, ou sentida.

Não seria esse advir de um gozo sensorial referente a um acontecimento de corpo? Há um

detalhe: Lacan acrescenta *lalangue* traumática, ao trauma do sexo que é de origem freudiana. É por isto que Lacan enfatiza a importância do fato de que antes mesmo desse período precoce (do trauma sexual) a criança já recebera o discurso ressoando os efeitos dos *afetos imprevisíveis* originários deste acontecimento.

Acontecimentos de corpo: *afetos imprevisíveis*

Lacan define o sintoma como um acontecimento de corpo no texto publicado em 1979, *Joyce, o sintoma*. Como sugere o autor: “Deixemos o sintoma no que ele é: um evento corporal, ligado a que: a gente o tem, a gente tem ares de, a gente areja a partir do, a gente o tem” (LACAN, 1979/2003, p.565). Conforme indicado em um trecho da citação original: “*l'on l'a, l'on l'a de l'air, l'on l'aire, de l'on l'a*” lembra um refrão entoando uma *lalação*, um quase balbuciar, que na língua francesa possui uma sonoridade harmoniosa agradável de ouvir. O mesmo não ocorre no português que pode ser compreendido como: “nós temos, nós temos ar, nós o temos, nós o temos”.

Soler (2012) esclarece o que está implícito nessa observação da conferência *Joyce, o sintoma*, aparentemente enigmática, e até pouco séria: “é o laço de *lalangue*, se posso dizer, e do corpo sintomático” (p.38). A autora lembra que Lacan optou por escrever *lalangue* em uma só palavra, em razão da homofonia com *lalação*. Esse termo vem do latim *lallare* que designa o fato de cantar “*la, la, la*” para adormecer as crianças, designando ainda o arrulho da criança que ainda não fala, mas que já produz sons. “A *lalação* é o som disjunto do sentido; no entanto, como se sabe, não disjunto do estado de contentamento da criança” (Soler, 2012, p. 38). Embora as traduções dos textos de Lacan apresentem ora a palavra *alíngua*, ora *lalíngua*, Holthausen (2009) lembra que um grande número de seus comentadores opta por manter a palavra *lalangue* tal como Lacan a criou, por considerar esse neologismo intraduzível já que ele associa o termo à *lalação* do bebê.

Para Campos (2009), o prefixo “a”, em português, tem um sentido de negação que não corresponde ao artigo feminino francês *la* escolhido por Lacan, portanto, utilizar “alíngua” poderia incorrer no erro de conceber *lalangue* como uma ausência de linguagem. Desta feita, a opção por “alíngua” poderia significar o oposto do que se pretende com *lalangue*, que é enfatizar as ressonâncias com “lalia”, “lalação”. Tal como Lacan (1975/2015) denomina: “[...] essa linguagem que não tem absolutamente nenhuma existência teórica, intervém sempre sob a forma do que chamo com uma palavra que quis que fosse o mais próximo possível da palavra *lalação – lalangue*”¹ (LACAN, 1975/2015, p.07). Ao trazer essa *lalação* na definição do acontecimento de corpo, estaria Lacan aludindo à satisfação implícita no gozo do sintoma? Ou ainda, versando acerca da precocidade desse encontro traumático no ser falante?

Lembremos que no *Seminário livro 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) já definia a natureza do sintoma como sendo gozo. Assim ele descreve: “o sintoma, por natureza, é gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto, sem dúvida [...] não precisa de vocês como o *acting out*, ele se basta” (LACAN, 1962-1963/2005, p.140). Então temos, nesse momento do ensino lacaniano, o sintoma como gozo e teremos posteriormente, o corpo como substância gozante, quando, no *Seminário livro 20: encore*, o psicanalista delimita a substância de um corpo. Ouçamos suas palavras:

[...] que comporta o “ gozar de um corpo”, de um corpo que, “o Outro, o simboliza”, e comporta talvez algo de natureza a determinar uma outra forma de substância: a substância gozante. Não estará aí o que supõe propriamente e justamente, sob tudo o que aqui significa a experiência psicanalítica, substância do corpo, com a condição de que ela se defina somente pelo que se goza? Somente propriedade do corpo, vivo sem dúvida, mas não sabemos o que é estar vivo, senão apenas nisso, que um corpo, isso se goza. E mais ainda, caímos imediatamente nisso, que ele só se goza por ‘corporizá-lo’ de modo significativo (Lacan, 1972-1973/2010, p.79).

1 Lalation – lalangue.

Temos o corpo como uma substância gozante, mas cumpre destacar que o gozo é propiciado pelo significante, ou seja, o gozo só ocorre porque há a corporização do significante. “O significante é a causa do gozo” (Lacan, 1972-1973/2010, p.80). Assim, propomos a articulação do corpo, do gozo e do significante. Essas três instâncias permitem depreender que a assertiva lacaniana do sintoma como gozo é um prenúncio do que ele chamaria de acontecimento de corpo?

Inferimos que o encontro das emoções e dos afetos, derivados da linguagem, com o corpo é promovido por um acontecimento no qual o significante se introduz fazendo marca no corpo capaz de constituir territórios existenciais. Guattari e Rolnik (2000) ampliam o conceito de território, perpassando desde a noção de território etológico, território sociológico, território geográfico até território psicológico, ou seja, aquele que se refere a um espaço subjetivo. É dessa última noção que nos servimos para pensar a relação possível entre o corpo, as emoções e o território.

A subjetivação, isto é, a produção de subjetividade pode ser considerada como um conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais ou coletivas, corporais ou incorporais, estejam aptas a emergir como território existencial. Nesse sentido, a subjetividade possibilita a existência de diversas formas de existir que se instauram fora da consciência. Assim, ao se pensar nos processos de subjetivação, devemos considerar também os componentes linguísticos de produção de sentidos (significantes) e os componentes linguísticos que escapam à produção de sentidos (a-significantes), tangenciado pela produção de afetos e emoções trazidos por *lalangue*.

Este encontro contingencial das emoções e afetos com o corpo é definido por Lacan como aquilo que pára de não se escrever. A respeito da contingência Lacan expõe que:

A contingência, eu a encarnei no *pára de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço de seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual (Lacan, 1972-1973/2010, p. 198).

O que extraímos dessa passagem que compreendemos ser conexo à ideia de acontecimento é a dimensão do encontro dos afetos, possível de marcar o corpo. Isto nos leva a estabelecer uma homologia entre o encontro e o acontecimento; daí podemos deduzir, quanto ao acontecimento, que é possível que ele ocorra, mas não é necessário, ele pode ou não se escrever, portanto, é imprevisível. Com vistas a ilustrar a contingência do encontro do significante com o corpo capaz de promover o acontecimento de corpo, hipotetizamos o seguinte: há um fluxo de significantes no campo do Outro (tesouro dos significantes), existindo a possibilidade ou não de um deles se escrever no corpo (fator contingencial). Não é necessário que isso ocorra, mas pode ser que aconteça.

Laurent (2016), citando Greisch (2015), esclarece que o termo acontecimento (*événement*) ressoa, em francês, o verbo latino *evenire*, que corresponde a vir de fora/chegar e o substantivo *eventus*, tendo o significado: procedente de. Sobre a noção de acontecimento, esclarece o autor:

O acontecimento é “tudo o que chega”, com uma dimensão de surpresa ou de contingência, antes que se possa estabelecer o sentido desse encontro. Apresentar assim o sintoma é acentuar sua dimensão fora de sentido (Laurent, 2016, p. 50).

Ao acentuar a dimensão fora de sentido do sintoma advindo com a surpresa que pode gerar o acontecimento de corpo, podemos inferir que a escrita no corpo se distingue da dimensão significante apontando para a escrita do real. O que está em questão não é mais uma mensagem a ser decifrada, mas um afeto que é enigmático e deve ser relacionado à *lalangue*. Indicando uma distância entre o sujeito que enuncia e as emoções que se encontram fechadas sobre seu enigma, participando indireta ou diretamente da composição de territórios de afetos e emoções.

Para Soler (2019), no contexto da problemática que envolve o acontecimento de corpo, Lacan eleva ao real todos os impasses freudianos. Ele ratifica a repetição freudiana, fazendo com que ela seja uma repetição de uma falta a gozar ou de um traço de gozo ligado à existência de um traço unário da linguagem. Esse último capaz de tornar o verbo carne. Sigamos seu esclarecimento. O seminário proferido pela autora em 2001-2002, dedicado à problemática do acontecimento de corpo recebeu o título *O em-corpo do sujeito*². Então:

² Trata-se de um equívoco feito a partir do título do Seminário de Lacan, *Encore* (En-corps).

[...] dizer o *em-corpo do sujeito*, nada tem a ver com o milagre da encarnação que nos diria, ou diz, que o verbo se fez carne. Um sujeito, enquanto tal, não é carne [...]. Um sujeito não é carne; é, antes de tudo, falta de carne. Dito de outra maneira, ele não é seu corpo. Eu enfatizo, portanto, de início, a disjunção do sujeito e do corpo [...] (SOLER, 2019, p. 22).

A expressão *em-corpo* visa acentuar o efeito da linguagem sobre o corpo vivente e examinar como a relação do sujeito com o seu corpo se estabelece. Pois, retomando Lacan (1979/2003) em sua conferência sobre *Joyce, o sintoma*, quando propõe o acontecimento de corpo temos que o sujeito não é o seu corpo, o sujeito tem um corpo. Lacan assim pronuncia: “[...] é preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo, ou, em outras palavras, que é *falasser* por natureza” (LACAN, 1979/2003, p.562). Constatamos que Soler (2019) articula o sintoma como acontecimento de corpo à negação lacaniana do sujeito ser um corpo.

O sujeito é representado pela cadeia significante, quer ela se apresente como uma cadeia articulada na fala ou articulada no sintoma. Soler (2019) comenta que o resultado disso: “é que o seu ser se interroga sobre o que ele é seu ser está sempre em outro lugar, lá onde o significante o representa [...] ele está, essencialmente, entre dois significantes” (SOLER, 2009, p.23). Sendo sobredeterminado pela cadeia significante, fica fácil perceber a disjunção do sujeito com o seu corpo, por exemplo, quando antes mesmo do nascimento o sujeito é representado pelos significantes, o corpo ainda não existe, mas o sujeito o precede. Assim como, após sua morte o sujeito sobrevive a seu corpo. “Ele sobrevive na cadeia de sua história, nos traços de si mesmo que vai deixar” (SOLER, 2019, p. 23).

O sujeito e o corpo se repartem nesse binário do ser e do ter. No entanto, ele tem um corpo, ele não é sem corpo, ele o tem. A autora salienta que é essa a tese sobre a qual Lacan insiste em suas “Conferências sobre Joyce”, em 1979: o homem tem um corpo e só tem um. Um corpo afetado pelo gozo e sulcado por uma língua anterior a linguagem, anterior a qualquer sintaxe, trata-se de *lalangue* e seu afetos imprevisíveis.

Acontecimentos de *lalangue*

A partir dos anos 1970, ao abordar o campo do gozo, Lacan cria a noção de *lalangue*, propondo com ela novos conceitos como letra e *sinthoma* e uma topologia para abordar a estrutura psíquica, com os nós borromeanos e a amarração dos registros real, simbólico e imaginário. É a partir de *lalangue* que Lacan redefine o inconsciente que para ser decifrado é necessário se confrontar com os enigmas trazidos por *essa linguagem* que afeta o sujeito falante.

No *Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)* Lacan efetua uma *torção* passando do acento dado a estrutura da linguagem à ênfase colocada nos efeitos de *lalangue*. *É preciso compreender o que está em jogo nessa torção do ensino de Lacan, em termos de linguagem, a fim de alcançarmos o que envolve um acontecimento de corpo.*

De acordo com Soler (2012) o que fundamenta o passo dado por Lacan é “a tese inaudita em relação ao que precede do inconsciente elucubração de saber” (SOLER, 2012, p.34). Trata-se do inconsciente situado por sua decifração. A autora esclarece que Lacan apresenta o inconsciente real com a noção de *lalangue*. Trata-se do inconsciente sem sujeito, por causa da estrutura *linguageira*, posto que o S1 (significante mestre) não pode representar o sujeito senão para outros significantes S2 (o saber). Daí que do enodamento em cadeia dos significantes (S1 – S2), aquilo que engendra o sentido entre interpretações e associação livre, Lacan traz à luz um impossível.

*Um inconsciente “saber sem sujeito” é o que resulta do significante assemântico, esse que na estrutura não é linguagem, mas substância gozosa do corpo. Tal inconsciente pode ser dito pelo sujeito de onde são extraídos significantes de seu sintoma pela via da decifração. Porém, há uma ressalva: “Se, antes de serem decifrados, eles não o representam, pelo menos afetam seu gozo como acontecimento de corpo” (SOLER, 2012, p.35). Para a autora, essa é uma das hipóteses lacaniana formulada no *Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*, o que evidencia que a problemática do sintoma como acontecimento de corpo já estava presente*

nesta época, mesmo não tendo sido mencionada a expressão.

Ao colocar o acento em *lalangue*, no surgimento do acontecimento de corpo, temos uma passagem do simbólico ao real, portanto, *lalangue* é da ordem do real. Ouçamos a definição de *lalangue*:

Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de lalangue, essa lalangue que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, lalangue dita materna, e não por nada dita assim (Lacan, 1972-1973/1985, p. 188).

Lacan lembra que a comunicação implica o diálogo ao contrário de *lalangue*. O autor vai além, afirmando que: “a linguagem, sem dúvida, é feita de *lalangue*” (Lacan, 1972-73/1985, p.190), contudo ele adverte; “o que se sabe fazer com *lalangue* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem” (Lacan, 1972-73/1985, p.190). Compreendemos que a linguagem se refere à relação de significante e significado articulados de maneira singular por cada sujeito. Assim sendo, a linguagem é a mesma para todo o ser falante, suas regras e leis são universais.

Disso resulta dois saberes: saber de *lalangue*, do acontecimento de corpo, de onde a decifração extrai pequenos fragmentos e o saber decifrado em linguagem que consiste em extrair significantes do material analisante sobre o sintoma. Para Lacan, *lalangue* não é só da ordem da linguagem, ela é feita de gozo. É do seu enraizamento no corpo que procederá toda a animação do gozo corporal. O corpo próprio com sua pulsação de gozo será subjetivado, isto é, tomado pelo significante que produz como efeito uma mortificação do gozo com a qual o sujeito da Lei deve consentir para existir na palavra como desejante (Valas, 2001). Pela incidência dos significantes (S1) que marcam o corpo do sujeito, as zonas erógenas vão circunscrevendo o gozo que era, até então, capaz de gozar em toda a superfície.

Lacan acentua mais o caráter gozoso e musical de *lalangue* do que sua função de comunicação e de significação, dado que ela se vivifica e nas palavras de Lacan: “apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos” (Lacan, 1972-1973/1985, p.190). Esses afetos resultantes de *lalangue* articulam “coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado” (p.190). No inconsciente real, inconsciente de *lalangue*, o sintoma é definido como a articulação entre o gozo e o inconsciente, daí ele ter função de letra, função de fixação, isolado da cadeia significante, salientando menos seu caráter de significante e mais sua característica de escrita.

Considerações Finais

Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra (Drummond, 1928).

A cada definição de acontecimento de corpo que resgatamos, uma nova perspectiva se abre ampliando e favorecendo a compreensão desta obscura expressão lacanianiana.

A problemática do sintoma como acontecimento de corpo se insere em um contexto da obra de Lacan a partir de uma gramática cujos termos giram em torno de *lalangue*, gozo e significante, podendo ser expandidas para emoções, corpo e territórios existenciais.

O acontecimento de corpo é fruto da inscrição da materialidade do significante no corpo através de *lalangue*. A linguagem entra em cena se inscrevendo no corpo. É uma linguagem coextensiva ao acontecimento e marcada pelos incorporais, pelos efeitos de afetos que traumatizam o corpo.

Miller (2011) destaca que a definição do acontecimento de corpo é precisamente uma condensação de acontecimentos discursivos que deixaram vestígios no corpo, que perturbam esse corpo e nele produz sintomas, mas apenas na medida em que o sujeito esteja apto a ler e decifrar essas marcas.

Se para Lacan (1964/1988), o inconsciente é estruturado como uma linguagem, após reorientar a clínica psicanalítica em direção ao registro do real, ele colocou o inconsciente no nível de *lalangue*, defendendo o materialismo em que reside a apreensão do inconsciente. A esse respeito ouçamos Lacan: “Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é no que os efeitos de *lalangue*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar” (Lacan, 1972-73/1985, p.190). Vemos, então, que os efeitos de *lalangue* são formações inconscientes, que não podem ser enunciadas, mas podem ser fixadas no corpo como superfície de inscrição.

Como mencionado, são as primeiras experiências da criança com a fala e com o som da língua que marcarão seus embaraços no decorrer da vida, indicando a materialidade das palavras que se inscrevem no inconsciente produzindo sintomas. De tudo isso, podemos constatar que reduzir ao essencial é o que se faz em uma análise. Nós analistas, buscamos decantar aqueles detritos deixados para trás pela água da linguagem, fragmentos de *lalangue* que marcam o corpo e afetam o ser falante. Para tanto, é necessário que o sujeito no movimento da análise, por meio de seu dizer, possa rearranjar as contingências passadas dando-lhes um sentido por vir.

Tal como Lacan, em um tempo inicial de seu ensino nos orientou:

O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja - nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histórico da neurose em que o sintoma [...] mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave (Lacan, 1953/1998, p.259).

Singular a precocidade da fala de Lacan que, já nesse momento de sua transmissão, indica que o sintoma pode se apresentar como uma inscrição no corpo, apresentando o gérmen da noção de acontecimento de corpo. O corpo pode ser superfície de inscrição do sintoma, restando ao sujeito saber ler e decifrar suas marcas. O que, só é possível no processo de análise, caso contrário, corre-se o risco dessas marcas se tornarem tão enigmáticas quanto hieróglifos no deserto. É necessário, pois que o sujeito encontre os acontecimentos com os quais seus sintomas possam ser rastreados. Parafraçando o psicanalista e o poeta: são desses acontecimentos esquecidos como detritos com os quais temos que nos desembaraçar, são as pedras que nos restam a deslocar, desembranhar.

Todavia, o que está em jogo não é mais uma mensagem a ser decifrada, mas um afeto que é enigmático. Os efeitos aí produzidos têm uma essência que pode ser considerada como acontecimento de corpo. Trata-se do corpo precocemente afetado pela materialidade do significante capaz de sustentar o sintoma, confirmando a sagacidade de Lacan em definir o sintoma como acontecimento de corpo.

A psicanálise [...] nada mais é do que curto-circuito passando pelo sentido – o sentido como tal, definido por mim há pouco pela copulação da linguagem, posto que é a partir dela que dou suporte ao inconsciente, com nosso próprio corpo (Lacan, 1975-1976/2007, p.118).

Dar suporte ao inconsciente com nosso próprio corpo. Que corpo resta à psicanálise desde Freud até Lacan? Qual corpo entra na cena analítica contemporânea? O corpo adoecido inerte em um leito de CTI. O corpo marcado pela dor e pelo gozo. O corpo cortado, cutucado, esfoliado por sujeitos angustiados cujo corpo tenta fugir a todo momento. O corpo que arde e coça lá onde não se efetua sua função biológica sinalizando que há algo que escapa do corpo do sujeito. Corpo histórico, obsessivo, fóbico, psicótico ou perverso. Em todos eles o sintoma pode ser um acontecimento, desde que esteja atrelado a um modo de gozo sem sentido promovido por *lalangue*.

É esse o corpo que sustenta o inconsciente lacaniano indicando uma distância entre o sujeito que enuncia e as emoções que se encontram fechadas sobre seu enigma. Assim sendo, é o desejo que opera nos corpos a capacidade de afetar ou de ser afetado, de se atraírem ou se

repelirem resultando em mistura de afetos. Esse efeito dos afetos e das emoções gera intensidades, que consideramos da ordem dos a-significantes e que necessitam ser incorporadas em matérias de expressão para serem exteriorizadas.

O acontecimento mantém uma relação essencial com a linguagem, não aquela que designa as coisas, mas uma linguagem que está na fronteira entre as proposições e as coisas. Uma linguagem da ordem de um elemento linguageiro, fora de sentido, próxima de *lalangue*, na qual, por meio das emoções é passível de afetar o corpo constituindo um território existencial.

Ainda há muito a se explorar dessa clínica que Lacan abriu a porta de entrada, mas que às vezes, parece um labirinto que inclui suas próprias portas de saída, cabendo a cada um encontrá-las. Lembremos que:

É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela **fala endereçada ao outro**, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise (Lacan, 1953/1998, p. 257, grifo nosso).

De todo modo - seja por meio do saber de lalangue, de onde a decifração extrai pequenos fragmentos ou, pela via de um saber decifrado em linguagem capaz de extrair significantes sobre o sintoma, enquanto nossa práxis existir, esse é o caminho a ser seguido.

Referências

ARPIN, D. (2016). **Événement de corps et avènement de signification**. Disponível em: <https://www.lacan-universite.fr/wp-content/uploads/2016/04/3-D-Arpin.pdf>

CAMPOS, H. O Afreudisiaco Lacan na galáxia de Lalíngua. **Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise pura e aplicada**. V.1, n.1, set, 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/view/824>.

CAUQUELIN, A. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2008.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (obra original publicada em 1969).

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo (1939). In.: Freud, S. **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXIII).

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

GONÇALVES, G. A. **Corpo e clínica psicanalítica**: teoria e prática. Curitiba: Juruá, 2022.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, 2001.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10**: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. **Encore (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. Tradução comparada e comentada em notas e anexos (Ana Lucia Teixeira Ribeiro). Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola, 2010.

LACAN, J. **O Seminário, livro 21**: os não-tolos-erram (1973-1974). Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

- LACAN, J. **O Seminário, livro 23: o sintoma** (1975-1976). *Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.*
- LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise (1953)**. In.: _____. **Escritos**. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.*
- LACAN, J. **Joyce, o sintoma (1979)**. In.: LACAN, J. **Outros Escritos**. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.*
- LACAN, J. **O lugar da psicanálise na medicina (1966)**. **Opção lacaniana**, n. 32. *Tradução de Marcus André Vieira, 2002.* Disponível em: <https://www.ebp.org.br/publicacoes/opc%CC%A7a%CC%83o-laciana-32/>
- LACAN, J. **Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975)**. In.: **Campo psicanalítico- transmissão, pesquisa e clínica**, 2015. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>.
- LAURENT, E. **O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.
- MILLER, J-A. **La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- SOLER, C. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- SOLER, C. **O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002**. Salvador: Ágalma, 2019.
- SOLER, C. **De um trauma a outro**. São Paulo: Blucher, 2021.
- VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ZIZEK, S. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Recebido em 18 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de maio de 2024.